



GUERRA COMERCIAL

A dois dias do tarifaço, presidente fala em diálogo com os EUA, mas critica aproximação de opositores com Trump: “Lambe-botas”

Lula mantém postura “aberta à negociação”

» FERNANDA STRICKLAND
» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

A dois dias para a oficialização do tarifaço de 50% imposto a produtos brasileiros importados pelos Estados Unidos, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse, ontem, que é preciso cautela, pois há um “limite de briga” na disputa comercial e política com o presidente Donald Trump. Ao discursar no 17º Encontro Nacional do Partido dos Trabalhadores (PT), em Brasília, ele criticou políticos que endossaram a sanção do republicano ao mercado exportador brasileiro.

O líder brasileiro defendeu o uso da diplomacia para negociar as questões tarifárias com os Estados Unidos. Ele enfatizou existirem “limites” para um possível embate com o governo norte-americano. “Nessa briga que a gente está fazendo agora, com a taxaço dos Estados Unidos, eu tenho um limite de briga com o governo americano. Eu não posso falar tudo que eu acho que eu devo falar, eu tenho que falar o que é possível falar, porque eu acho que nós temos que falar aquilo que é necessário”, declarou o presidente.

Embora a taxaço de 50% a diversos produtos brasileiros esteja prevista para esta quarta-feira, o governo brasileiro ressalta haver abertura de canais para negociar com representantes da Casa Branca. O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, terá uma reunião com o secretário do Tesouro dos EUA, Scott Bessent, nesta semana. A ideia é que a conversa sirva como preparação para um possível encontro entre Lula e Trump.

Lula também reforçou a abertura dos canais de diálogo com os EUA. Além do encontro de Haddad com o secretário do Tesouro norte-americano previsto para esta semana, o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, reuniu-se recentemente com o secretário de Estado americano, Marco Rubio.

Na última sexta-feira, Donald Trump afirmou estar disposto a receber uma ligação de Lula. Em resposta, o petista disse estar aberto ao diálogo. “Não queremos confusão. Quem quiser confusão conosco, pode saber que não queremos brigar. Agora, não pensem que nós temos medo. Não temos”, discursou o presidente, em relação às possíveis negociações com os Estados Unidos.

Reeleição

Em seu discurso na conferência do PT, Lula disse ainda que não abrirá mão da ideia de “procurar construir uma moeda alternativa para que a gente possa negociar com os outros países”. O objetivo dessa medida, segundo ele, é não precisar “ficar subordinado ao dólar”. Já quanto ao seu futuro político, o presidente de 79 anos garantiu que só disputará a reeleição em 2026 caso esteja “100% de saúde”.

“Para ser candidato, eu tenho que ser muito honesto e sincero comigo. Eu decidir ser candidato para depois acontecer comigo o que aconteceu com o Biden, jamais. Eu não irei enganar o partido, não irei enganar o povo brasileiro”, explicou, citando o ex-presidente norte-americano Joe Biden, 82 anos, que no meio do ano passado desistiu de tentar um novo mandato.

O petista, no entanto, garantiu estar em boa forma física. “Quando eu falo que eu tenho 80, mas energia de 30, vocês podem desfilando com as cores nacionais, contando mentira e traindo a pátria.”

Sem citar o nome do deputado federal licenciado Eduardo Bolsonaro (PL-SP), Lula rechaçou a atitude do parlamentar em “renunciar ao mandato para ir lá ficar lambendo as botas do Trump e pedindo para ele taxar o Brasil mais alto, mais alto, mais alto, o máximo que puder”.

Ed Alves/CB/DA,Press



Análise da notícia

Petista aposta na queda de braços com Trump em 2026

» LUIZ CARLOS AZEDO

O discurso de Luiz Inácio Lula da Silva no 17º Encontro Nacional do PT incorporou a queda de braços com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, à sua estratégia eleitoral para 2026. Em meio à crise diplomática com os Estados Unidos, agravada pelo tarifaço de 50% imposto pela Casa Branca, com apoio de Jair Bolsonaro (PL) e seus aliados, o petista elevou o tom na retórica nacionalista e partiu para a disputa simbólica dos valores nacionais.

Ao atacar Bolsonaro por “abraçar a bandeira americana para pedir sanções contra o próprio país”, Lula recupera o patriotismo no campo progressista. A apropriação dos símbolos nacionais — bandeira, camisa da Seleção, cores da pátria — foi central na ascensão política de Bolsonaro. Lula agora tenta ressignificar esses valores associando-os à democracia e suas instituições, como o Supremo Tribunal Federal (STF).

A crítica duríssima à “excrecência política” de parlamentares que pedem ao governo Trump para taxar o Brasil é, além de contundente, eficaz do ponto de vista eleitoral. A bandada do PL atuava como vanguarda da direita no Congresso com muita desenvoltura, porém, agora caiu no isolamento, por causa da atuação

do deputado licenciado Eduardo Bolsonaro, que atua nos Estados Unidos com objetivo de criar uma crise diplomática e comercial capaz de colapsar a economia brasileira.

A sociedade é reativa à subordinação externa e à instabilidade institucional. O apoio direto de Trump ao pedido de anistia para Bolsonaro fortalece a tese de Lula de que há interferência estrangeira contra o STF e contra a soberania nacional e que o povo precisa reagir a isso. No campo interno, a crise diplomática e comercial serviu para a legenda recuperar a sua narrativa do rechaço, cuja centralidade é questionável devido ao fato de a legenda está no governo.

Pesquisas

Entretanto, o PT precisa de renovação programática. O novo presidente da sigla, Edinho Silva, foi enfático sobre isso ao afirmar que a sucessão não será apenas de nomes, mas de projeto. Lula ainda lidera com folga as pesquisas eleitorais — 39% contra 33% de Bolsonaro —, mas tudo pode mudar se não concorrer à reeleição por razões de saúde. Os cenários sem sua presença mostram um PT enfraquecido e vulnerável diante de nomes, como os do governador de São paulo, Tarcísio Freitas (PR-SP), e da ex-primeira dama

Michelle Bolsonaro. O PT entará na eleição enfraquecido na disputa de cadeiras para o Congresso, ao Senado.

A crise com Trump, até agora, atrapalha mais do que ajuda a oposição. Ao defenderem a anistia a Bolsonaro — rejeitada por 61% da população, segundo o Datafolha —, governadores como Tarcísio, Zema e Caiado enfrentam desgaste. A vinculação explícita de Bolsonaro com Trump e a consequente retaliação comercial aos interesses brasileiros expuseram a incoerência das forças que se colocaram contra o país.

Bolsonaro, por sua vez, mantém certa capacidade de mobilização, mas está encurralado. A proposta de anistia aos golpistas do 8 de janeiro de 2023 perdeu apoio interno, ironicamente, ao ser apoiada por Trump. O próprio Tarcísio, em aparente ambivalência, evita confronto direto e aposta em um discurso de responsabilidade fiscal e reforma administrativa para se projetar como “gestor viável” no pós-Bolsonaro.

No Congresso realizado ontem, Lula e o PT conjugaram resistência democrática, nacionalismo e projeto eleitoral, enquanto a oposição liberal-conservadora vive o paradoxo de apoiar um líder desgastado pelo tarifaço. Estão em jogo propostas antagônicas de país: democracia ou regressão autoritária, soberania ou submissão.

de golpe de Estado no Supremo Tribunal Federal (STF).

Sucessão

O evento de ontem reuniu figuras históricas do PT, como José Dirceu e José Genoino, e oficializou a posse do novo presidente do partido, Edinho Silva. Em seu primeiro discurso no cargo, o ex-prefeito de Araraquara (SP) defendeu que a legenda se prepare para manter seu projeto político mesmo após a saída de Lula das disputas eleitorais.



Nessa briga que a gente está fazendo agora, com a taxaço dos Estados Unidos, eu tenho um limite de briga com o governo americano. Eu não posso falar tudo que eu acho que eu devo falar. Eu tenho que falar o que é possível falar, porque eu acho que nós temos que falar aquilo que é necessário”

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente

Ameaça à soberania

Ao discursar, a ministra das Relações Institucionais e ex-presidente nacional do PT, Gleisi Hoffmann, acusou o ex-presidente e sua família de articularem contra o Brasil para favorecer interesses estrangeiros. “É inacreditável o que está acontecendo no Brasil. Nunca achei que viveríamos algo assim. Eles tentaram dar o golpe e agora querem um golpe continuado”, afirmou, reforçando o coro “Sem anistia” entoado por militantes presentes.

Gleisi também voltou a defender a taxaço de bancos e casas de apostas. “Não é possível que os muito ricos não paguem impostos e a carga recaia sobre os mais pobres. Temos que taxar bancos e bets”, disse, citando o projeto do governo que isenta de Imposto de Renda quem ganha até R\$ 5 mil.

O evento contou, com a presença de 11 ministros de Estado, entre eles, Camilo Santana (Educação), Anielle Franco (Igualdade Racial), Luiz Marinho (Trabalho) e Jorge Messias (AGU). E encerrou o processo interno de eleições do PT, reforçando as pautas econômicas e políticas que a legenda pretende priorizar no segundo semestre.